

Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*

Geraldo Magella de Menezes Neto**

Na referida dissertação, defendida em março de 2012, realizou-se um estudo sobre a atuação da editora Guajarina, de Belém do Pará, na produção de folhetos de cordel na primeira metade do século XX. O estudo tomou como aporte teórico as ideias do ramo da história cultural conhecido como “história do livro e da leitura”.¹ Esse campo de pesquisa se volta para o livro e a leitura e suas relações com a sociedade, a partir de questões como o processo de fabricação do impresso, a materialidade do livro, os diversos agentes sociais que estão envolvidos na produção do livro, as diferentes práticas de leitura e de recepção dos impressos.²

Desse modo, analisamos os folhetos da editora paraense a partir de aspectos que vão além dos versos de cordel, tão comum nos estudos sobre essa literatura. Nesse sentido, nosso objetivo foi entender os processos de produção

* Texto recebido em 20/10/2012. Aprovado em 03/11/2012. Dissertação em História defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia da UFPA, sob a orientação da Dra. Franciane Gama Lacerda. Pesquisa financiada pela CAPES (bolsa).

** Mestre em História pela UFPA, Belém/PA, Brasil. E-mail: geraldoneto53@hotmail.com

¹ André Belo afirma que mais do que apenas o livro como objeto material, “essa história compreende a comunicação e todos os processos sociais, culturais e literários que os textos afetam e envolvem.” O autor acrescenta ainda que essa área é “fortemente interdisciplinar, reunindo contribuições de várias disciplinas e de várias tradições de estudo em diferentes países.” No Brasil, de acordo com André Belo, “onde é débil a tradição bibliográfica de estudos técnicos sobre o livro antigo, os estudos que se tem desenvolvido aparecem normalmente sob a designação de ‘história da leitura’, não tanto como ‘história do livro’” (BELO, 2002, p. 39-40).

² Os estudos do livro e da leitura sofreram grande influência da renovação historiográfica a partir da denominada Escola dos Annales. Segundo Robert Darnton, a nova corrente dos estudos sobre o livro desenvolveu-se nos anos 1960 na França. Darnton enfatiza que tais pesquisas, ao invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o “modelo geral da produção e consumo do livro”, mapeando “correntes ideológicas através de gêneros pouco lembrados, como a *bibliothèque bleue* (brochuras primitivas)”. Desse modo, o interesse não foi por livros raros e edições de luxo, mas pelo “tipo mais comum de livros” visando entender “a experiência literária dos leitores comuns” (DARNTON, 1990, p. 110).

e circulação dos folhetos da Guajarina, a problematização das ideias de ‘cultura popular’ e ‘folclore’ associadas aos folhetos, e as representações feitas pelos poetas de cordel nas histórias de crimes, além de uma análise comparativa entre jornais e folhetos.

Os principais autores utilizados são Roger Chartier e Robert Darnton. De Chartier seguimos algumas ideias no que se referem à materialidade dos impressos, já que “não há compreensão de um escrito que não dependa das formas das quais ele chega ao seu leitor.” Para se entender os sentidos adquiridos pelas obras, devem-se considerar “as relações entre o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (CHARTIER, 1990, p. 127). Já de Darnton utilizamos a ideia do “circuito de comunicação” do impresso. Esse circuito é um modelo proposto para analisar como os livros surgem e se difundem entre a sociedade. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que “vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor” (DARNTON, 1990, p. 112).

Já no campo da literatura de cordel, dialogamos com os trabalhos de Ruth Brito Lêmos Terra (1983), Márcia Abreu (1999), Ana Maria de Oliveira Galvão (2000; 2006), Vilma Mota Quintela (2005) e Rosilene Alves de Melo (2010). Tais estudos buscam analisar os folhetos a partir de aspectos que vão além dos textos, como a materialidade, a produção e circulação de folhetos de cordel. No caso da literatura de cordel no Pará, nossa principal referência são os estudos clássicos do folclorista Vicente Salles (1971; 1985).

O recorte temporal é o período 1922-1949, utilizado em virtude do período de atuação da Guajarina. A editora foi criada pelo pernambucano Francisco Lopes em 1914, mas os folhetos datados mais antigos os quais tivemos acesso são do ano de 1922. Já o ano de 1949 representou o fim das atividades da editora.

A principal fonte deste trabalho é o folheto de cordel.³ Os folhetos foram utilizados de forma distinta nos capítulos. No primeiro capítulo, utilizamos apenas um anúncio de uma quarta-capa para problematizarmos a ideia de ‘literatura sertaneja’. Já para o segundo capítulo, selecionamos 105 folhetos, privilegiando a análise das capas e quartas-capas. O critério utilizado para tal seleção de folhetos foi a impressão da data de publicação, o que nos permite entender as transformações nas estratégias editoriais da Guajarina. Assim, foram utilizados 19 folhetos da década de 1920; 57 folhetos da década de 1930; e 29 folhetos da década de 1940.

Assim, no segundo capítulo concentramos a análise na materialidade dos folhetos, nas capas e quartas-capas, que nos fornecem pistas importantes sobre a atuação da editora Guajarina e sobre as estratégias editoriais de Francisco Lopes. Os espaços das capas e das quartas-capas indicam, por exemplo, informações sobre os locais de venda dos folhetos, o preço, os agentes revendedores, as denominações dadas pela editora aos folhetos e anúncios de outros produtos e serviços oferecidos pela Guajarina.

No terceiro capítulo, a seleção dos folhetos é feita a partir da temática das histórias publicadas, visando entender o que interessava ser lido pelo público consumidor desta literatura. Desse modo, este capítulo trabalha com folhetos publicados pela Guajarina sobre crimes de grande repercussão. Neste capítulo, os textos dos folhetos recebem maior atenção, entretanto, não se trata de simples reprodução do que era tratado nas histórias de crimes, mas uma análise das práticas e estratégias utilizadas pelos poetas nas suas narrativas.

³ Os folhetos da editora Guajarina estão localizados no Acervo Vicente Salles do Museu da Universidade Federal do Pará, em Belém. Encontramos, no Museu da UFPA, 207 folhetos que foram produzidos pela Guajarina, a maioria em forma de xerox, poucos em sua edição original, já que estão bastante desgastados pelo tempo. Os folhetos que estão no Museu da UFPA representam uma pequena parcela do que foi publicado pela editora Guajarina, já que são os folhetos que o pesquisador Vicente Salles coletou durante as suas pesquisas.

Outras fontes utilizadas nesta dissertação foram os jornais *Folha do Norte* e *Folha Vespertina*.⁴ A utilização do jornal também atende aos diferentes propósitos dos capítulos. No segundo capítulo, por exemplo, buscamos o preço dos impressos que circularam no Pará para relacioná-los com o preço dos folhetos de cordel. Assim, tal busca privilegia as propagandas de livros e revistas que eram publicadas na época, além da informação do próprio preço do jornal que era impresso. Já no terceiro capítulo utilizamos algumas reportagens da *Folha Vespertina* sobre o “crime da Praça da República” para compará-las à sua versão em folhetos de cordel.

Também utilizamos na pesquisa algumas revistas que circularam no Pará na primeira metade do século XX, a exemplo de *Guajarina*, da década de 1930, *A Semana*, das décadas de 1920 e 1930 e *Pará Ilustrado*, da década de 1940.⁵ Foram consideradas, na análise de tais revistas, a questão dos preços e as propagandas nelas veiculadas. De fato, os anúncios de folhetos da editora Guajarina nessas revistas nos apontaram indícios de como era a estratégia editorial de Francisco Lopes.

Ao lado desses documentos, temos também as coleções encadernadas de modinhas *Cantor Brasileiro* e *O Trovador*.⁶ As modinhas, segundo Vicente Salles, inicialmente, foram distribuídas como um suplemento da revista Guajarina, sendo “em formato de folheto de cordel, com 8 páginas, contendo cinco ou seis poesias, isto é, letras de canções populares” (SALLES, 1971, p. 89). As modinhas também eram publicadas em coleções encadernadas que reuniam letras de vários compositores. Tais coleções tinham em média 200

⁴ Os jornais estão localizados na Biblioteca Pública Arhur Vianna da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (Centur), na cidade de Belém. A *Folha do Norte* está disponível no formato de microfilme, já a *Folha Vespertina* está disponível em formato impresso.

⁵ Encontramos edições da *Guajarina* na Seção de “Obras Raras” da Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (Centur) e no Acervo Vicente Salles do Museu da UFPA. Já as revistas *A Semana* e *Pará Ilustrado* estão localizadas apenas na Seção de “Obras Raras” do Centur.

⁶ Tais fontes estão no Acervo Vicente Salles do Museu da UFPA

páginas. Nessas páginas, encontramos vários anúncios de folhetos de cordel, num espaço semelhante às ‘notas de rodapé’, o que torna as modinhas uma importante fonte para entendermos as propagandas dos folhetos de cordel e as estratégias do editor Francisco Lopes para atrair mais leitores.

A dissertação se divide em três capítulos. O primeiro capítulo é intitulado “A exclusão do cordel do cânone literário paraense: uma discussão sobre literatura de cordel, cultura popular e folclore.” Neste capítulo buscou-se relacionar a exclusão do cordel do cânone literário paraense com a compreensão do cordel como objeto da ‘cultura popular’ e do ‘folclore’. Entendemos que essa compreensão, que faz parte do senso comum, foi construída historicamente, o que acabou por retirar do cordel o estatuto de ‘literatura’, sendo, portanto isolado da denominada ‘literatura erudita’. Neste sentido, apoiado nas ideias de Pierre Bourdieu (1996), analisamos como foi construída a história literária paraense, como os folhetos de cordel da Guajarina eram compreendidos pela própria editora, que utilizava o termo ‘literatura sertaneja’. Além disso, tornou-se necessário contextualizar as pesquisas de Vicente Salles, principal influência dos estudos de cordel no Pará, e a sua relação com o denominado ‘movimento folclórico brasileiro’, termo que utilizamos de Luís Rodolfo Vilhena (1997), em meados do século XX.

O segundo capítulo é intitulado “Produção e circulação de folhetos de cordel: o caso da editora Guajarina (1922-1949)”. A partir da ideia proposta por Robert Darnton, a do ‘circuito de comunicação’ dos livros, pretendeu-se entender como os folhetos da Guajarina chegavam até os leitores, destacando a importância dos diversos agentes envolvidos na produção e circulação dos folhetos de cordel, tais como o editor Francisco Lopes, os poetas, os impressores, os ‘agentes revendedores’, e os leitores/ouvintes.

Destacamos especialmente os ‘agentes revendedores’, que eram os ‘intermediários’ que levavam os folhetos até os leitores nos mais diversos

Estados do Brasil. Nesse sentido, o ‘circuito de comunicação’ é importante para refutar a ideia de que o livro se reduz apenas a uma relação entre autor e leitor. Outra questão trabalhada no capítulo se refere a uma análise das propagandas dos folhetos de cordel, tanto nas próprias quartas-capas dos folhetos quanto nas revistas e nas coleções encadernadas de modinhas, o que nos permite entender as estratégias editoriais de Francisco Lopes e o público que era visado pelo editor. Assim, o segundo capítulo procurou investigar outros aspectos da Guajarina que não foram observados pelo pesquisador Vicente Salles em suas pesquisas sobre a editora paraense, objetivando maior compreensão acerca da atuação da editora de Francisco Lopes.

O terceiro capítulo intitulado “‘Um caso impressionante, uma cena muito triste e um crime horripilante’: a temática do crime nos folhetos da Guajarina” trata dos folhetos da editora paraense sobre crimes de grande repercussão. O crime era um tema de interesse do público leitor de cordel, visto os vários folhetos publicados sobre o tema, além de que alguns indicam que estão na segunda ou terceira edição. Uma análise desses folhetos nos permitiu entender as várias representações atribuídas em relação ao crime e aos personagens envolvidos, como os criminosos e as vítimas. Outra questão importante é a comparação das notícias dos jornais com os folhetos, já que os poetas se baseavam muitas vezes nos jornais para produzir a sua história. Contudo, o poeta realizava várias mudanças na história na versão em folheto. Desse modo, tentamos entender as alterações que o poeta fazia e quais procedimentos tomava, procedimento este que levava em conta as representações que tinha do público leitor.

Assim, a pesquisa realizada sugere algo muito importante: o fato de que as práticas de leitura independem do que é estabelecido pelos vários cânones literários. Se o cordel não foi visto como uma literatura, mas muitas vezes como um objeto exótico, do ‘folclore’ e da ‘cultura popular’, isso não importou para

os muitos leitores e ouvintes que demonstravam interesse pelas histórias em verso publicadas nos folhetos. A grande quantidade de folhetos publicados indica que havia um público amplo que apreciava estes impressos.

Nesse sentido, acreditamos que pesquisas sobre a literatura de cordel podem contribuir para trazer à tona as mais diversas leituras que eram apreciadas pelo público, além de destacar a importância dos impressos na vida de vários leitores e ouvintes, que encontravam neles um meio de lazer ou um meio de entender melhor o mundo a partir dos mais variados tipos de histórias. Desse modo, o cordel pode ser uma fonte para se entender vários aspectos culturais e sociais em um determinado contexto histórico.

Referências

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- BELO, André. *História e livro e leitura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/Ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. Belo Horizonte, 2000. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MELO, Rosilene Alves de. *Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- QUINTELA, Vilma Mota. *O cordel no fogo cruzado da cultura*. Salvador, 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia – UFBA.
- SALLES, Vicente. Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro, n. 9, jul./set. 1971.

SALLES, Vicente. *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global Editora, 1983.

VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997.